



## NOTICIAS INTERNACIONALES AL 05/01/2018

<b>BRASIL</b> .....	<b>2</b>
Aumenta la oferta de ganado aunque sigue sin reaccionar la demanda .....	2
2017: año con sorpresas en el sector de las carnes .....	2
Exportaciones de carnes frescas: 106 mil toneladas en diciembre .....	3
Exportaciones por encima de lo esperado en 2017 .....	3
Relación novillo / maíz creció al final de 2017.....	3
Perspectivas positivas para 2018.....	3
OIE nuevas zonas con reconocimiento de libre de aftosa en 2018 .....	4
<b>URUGUAY</b> .....	<b>4</b>
Con oferta limitada, novillo gordo cruza los US\$ 3 .....	4
Mercado de haciendas gordas: “es el momento” para vender ganado.....	5
Industriales esperan que precios y faena se normalicen en la segunda quincena de enero .....	5
La faena vacuna creció y la ovina cayó en 2017.....	5
El 11,5% de la producción de carne vacuna provino de los feedlots.....	6
Exportación de ganado en pie fue récord en 2017 – Productores y frigoríficos plantean su posición .....	6
Nafta pierde en participación dentro de las exporporciones uruguayas de carne bovina.....	8
Compartimento tiene marco jurídico.....	8
Presión fiscal sobre el agro creció 9% según gobierno .....	10
<b>PARAGUAY</b> .....	<b>10</b>
Ganado paraguayo vuelve a ser el más caro de la región.....	10
Estiman que ganadería crecerá 8% en 2018 .....	11
Aguardan respuesta de Hong Kong sobre venta de carne .....	11
<b>ESTADOS UNIDOS</b> .....	<b>12</b>
Consumo de carnes alcanzaría un récord histórico en 2018 .....	12
Firme la demanda de carnes bovinas a lo largo de 2017 .....	12
CHINA superó a CANADA entre los destinos de las exportaciones de productos agropecuarios .....	13
<b>VARIOS</b> .....	<b>13</b>
RUSIA continúa aumentando sus importaciones de carne vacuna .....	13
<b>EMPRESARIAS</b> .....	<b>13</b>
Frigol arrendó una planta en Mato Grosso.....	13
McDonald's prueba carnes frescas en una nueva hamburguesa .....	14



## BRASIL

### **Aumenta la oferta de ganado aunque sigue sin reaccionar la demanda**

Sexta-feira, 5 de janeiro de 2018 Os negócios com boi gordo e com carne bovina aos poucos voltam a acontecer, depois da paradeira típica do começo de janeiro. Assim o mercado vai tomando “forma”, vai adquirindo tendência.

Mas as vendas de carne estão ainda lentas. Impostos e outras obrigações financeiras deste período ocupam uma parte importante do orçamento das famílias. Isso, sazonalmente, reduz as movimentações no varejo.

Além disso, as chuvas melhoraram as pastagens e os animais terminados no capim começaram a facilitar a compra das indústrias. O resultado disso são compradores de boiadas pressionando o mercado.

Em quase todas as praças em que os preços caíram, os frigoríficos, pelo menos os menores, alinharam suas ofertas de compra ao preço de referência. As plantas com escalas mais confortáveis chegam a ofertar até R\$2,00/@ a menos.

No mercado atacadista de carne bovina, queda de 1,2% nos preços do boi casado de bovinos castrados.

### **2017: año con sorpresas en el sector de las carnes**

Fonte: Cepea 4 de janeiro de 2018 - Preços do boi, da carne e do bezerro caíram em boa parte do ano, mas exportações surpreenderam

Ampliar foto 2017: ano para aprender no mercado do boi Em 2017, Indicador Esalq/BM&FBovespa do boi gordo se manteve abaixo do de 2016 durante quase todo o ano

O setor pecuário já esperava um ano de dificuldades, sobretudo relacionadas às vendas internas – que poderiam se enfraquecer diante do contexto político e econômico nacional – e à maior oferta de animais, resultado de investimentos em anos recentes. No entanto, agentes do mercado não imaginavam que desafios ainda maiores seriam enfrentados pela pecuária nacional em 2017. No balanço, foi um ano para ser esquecido, mas também para o setor levar como aprendizado, conforme indicam pesquisadores do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada), da Esalq/USP.

Médias anuais caem – Os acontecimentos referentes à cadeia agroindustrial da carne bovina brasileira se somaram às dificuldades que já vinham sendo enfrentadas pelo setor, impactando diretamente sobre os valores da arroba e da carne. Com isso, os preços do boi gordo, da carne e também do bezerro caíram em boa parte do ano, com certa recuperação sendo verificada no último quadrimestre. Segundo pesquisadores do Cepea, esse fôlego no final do ano mostrou a capacidade de reorganização e de resposta da cadeia aos problemas enfrentados, o que pode indicar o desenvolvimento do setor.

Em 2017, o Indicador Esalq/BM&FBovespa do boi gordo se manteve abaixo do de 2016 em praticamente todo o ano e inferior ao de 2015 em boa parte do período. A média do Indicador em 2017, de R\$ 138,80, foi 9,22% inferior à de todo o ano de 2016, em termos nominais – em termos reais (considerando-se a inflação do período), a queda ainda é mais intensa, de 10%. A maior média mensal do Indicador, em termos nominais, foi registrada em janeiro, de R\$ 148,39. Já a menor, de R\$ 124,50, foi verificada em julho, conforme dados do Cepea.

A carne, por sua vez, até chegou a superar os valores dos anos anteriores em alguns momentos de 2017. Assim como o mercado de boi, a maior média mensal da carne foi registrada em janeiro (de R\$ 10,14/kg) e a menor, em julho (R\$ 9,13/kg), em termos nominais – considerando-se os dados do Cepea levantados no mercado atacadista da Grande São Paulo. No balanço do ano, o preço médio da carcaça casada de boi, de R\$ 9,70, ficou 1,8% abaixo da de 2016 (R\$ 9,88/kg), em termos nominais. Vale destacar o forte movimento de queda de 13% entre abril e agosto, quando o quilo da carne saiu dos R\$ 10,09 no dia 13 de abril para R\$ 8,78 no dia 2 de agosto, o que mostra a dificuldade enfrentada pelo setor nesse ano.

Em todo o ano de 2017, os preços do bezerro também estiveram abaixo dos de 2016 e de 2015, em termos nominais. A maior média mensal do Indicador Esalq/BM&FBovespa do bezerro (Mato Grosso do Sul), de R\$ 1.236,19, foi verificada em janeiro. De fevereiro em diante, os preços do animal praticamente só caíram, registrando a menor média do ano em agosto, de R\$ 1.090,13. A média de 2017 foi de R\$ 1.151,75, 12,6% abaixo da de 2016. Todas as médias estão em termos nominais.

Pecuarista é desfavorecido no 1º semestre – A operação “Carne Fraca” (deflagrada em março), a delação da maior indústria frigorífica brasileira (que resultou em forte redução da compra de animais por parte desse grande player) e a retomada do desconto de Funrural desfavoreceram os negócios efetivados pelo pecuarista de engorda no primeiro semestre. Neste contexto, confinadores iniciaram o período de entressafra bastante desestimulados, o que ocasionou diminuição das ofertas nos primeiros giros de confinamento e até um movimento de recuperação dos preços no final de ano.

A “carne fraca” colocou em xeque o sistema de inspeção sanitário do País e a delação do maior processador de proteína do Brasil e do mundo – responsável por cerca de 50% das exportações de carne



bovina brasileira – limitaram as vendas, devido à retração no abate diário e à diminuição no processamento da carne.

Custos de produção – De janeiro a novembro, tanto o Custo Operacional Efetivo (COE) quanto o Custo Operacional Total (COT) caíram em 2017, um pouco mais 1%, considerando-se a “média Brasil” (BA, GO, MG, MT, MS, PA, PR, RS, RO, SP e TO).

### **Exportaciones de carnes frescas: 106 mil toneladas en diciembre**

Sexta-feira, 5 de janeiro de 2018 - Segundo o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, em dezembro de 2017 o volume de carne bovina in natura exportada pelo Brasil foi de 108,6 mil toneladas, resultando em um faturamento de US\$466,9 milhões.

A média diária embarcada foi de 5,4 mil toneladas.

Na comparação com novembro de 2017, o volume exportado no último mês foi 6,5% menor, gerando queda de 6,5% no faturamento.

Entretanto, em relação a dezembro de 2016 o Brasil embarcou 36,9% mais carne in natura, aumentando em 40,3% o faturamento, na comparação anual.

### **Exportaciones por encima de lo esperado en 2017**

Fonte: Cepea 2 de janeiro de 2018 - Mesmo com dificuldades enfrentadas pelo setor no ano, embarques somam 1,1 mi de t de janeiro a novembro

As dificuldades e os desafios enfrentados pelo setor pecuário foram muitos em 2017. Dentre eles, pesquisadores do Cepea destacam a operação “Carne Fraca”, deflagrada em março, e a delação da maior indústria frigorífica brasileira, que resultou em forte redução da compra de animais por parte desse grande player. Esse cenário reduziu as vendas, especialmente no primeiro semestre.

No entanto, apesar dessa atipicidade, conforme pesquisas do Cepea, outras indústrias brasileiras expandiram os abates, voltando a operar plantas paradas e aumentando a participação nos mercados doméstico e externo.

Segundo dados da Secex, de janeiro a novembro de 2017, os embarques somam 1,102 milhão de toneladas, sendo este o segundo melhor ano (até o momento) da história, perdendo apenas para 2014, quando 1,119 milhão de toneladas foram embarcadas, também de janeiro a novembro.

### **Relación novillo / maíz creció al final de 2017**

Fonte: Scot Consultoria 4 de janeiro de 2018 - Poder de compra do pecuarista frente ao grão aumentou 13,1% em dezembro ante o mesmo mês em 2016

Ampliar foto Relação de troca boi/milho termina 2017 em alta Em dezembro, era possível comprar 4,58 sacas de milho com o valor de 1 @ de boi gordo

Apesar da baixa movimentação interna, as exportações em bons volumes deram sustentação aos preços do milho em dezembro. Outro ponto de sustentação é a previsão de uma menor produção em 2017/2018, que mantém o mercado em alerta.

Segundo levantamento da Scot Consultoria, na região de Campinas-SP a saca de 60kg do cereal terminou 2017 cotada em R\$32,00, sem o frete. Houve alta de 3,7% em relação à média de novembro, mas, ainda assim, o cereal custava 14,4% menos na comparação com dezembro de 2016.

Considerando a praça de São Paulo, em dezembro era possível comprar 4,58 sacas de milho com o valor de uma arroba de boi gordo. Em relação ao mesmo período de 2016, o poder de compra do pecuarista frente ao alimento concentrado aumentou 13,1%. Isto significa 0,53 saca de milho a mais adquirida com o valor de uma arroba de boi gordo.

### **Perspectivas positivas para 2018**

Fonte: Cepea 4 de janeiro de 2018 - Em 2018, recuperação da economia deve favorecer o crescimento do consumo da população

Ampliar foto Perspectivas positivas para o mercado do boi em 2018 Segundo o Cepea, projeções podem ser afetadas por fatores incertos, portanto, é preciso cautela

Após um ano turbulento, o setor pecuário inicia 2018 mais otimista, porém, bastante atento. Conforme pesquisadores do Cepea, espera-se um cenário economicamente favorável neste ano, tanto na esfera internacional como na nacional, que pode beneficiar toda a cadeia da carne bovina.

No Brasil, a economia pode se recuperar, pautada na diminuição da taxa de juros, no controle da inflação, na relativa estabilidade do câmbio, na redução do índice de desemprego e na melhoria do PIB (Produto Interno Bruto). Esse contexto favorece o aumento do consumo geral da população. Com uma projeção de crescimento do PIB nacional em torno de 2,7% (estimativa do Banco Central no encerramento de 2017), o Cepea calcula que pode haver aumento de 2,2% no consumo interno de carne bovina.



As projeções otimistas, contudo, podem ser afetadas por fatores que hoje ainda estão incertos, requerendo, portanto, cautela e também ações de operadores do setor pecuário.

### **OIE nuevas zonas con reconocimiento de libre de aftosa en 2018**

Publicado: 05/01/2018 Anúncio está previsto para maio, durante a reunião anual da Organização Mundial de Saúde Animal

Com a declaração de novas zonas livres da febre aftosa com vacinação no Amapá, Roraima, em grande parte do Amazonas e em áreas de proteção no Pará, finalizou-se o processo de erradicação da doença. Com a declaração de novas zonas livres da febre aftosa com vacinação no Amapá, Roraima, em grande parte do Amazonas e em áreas de proteção no Pará, finalizou-se o processo de erradicação da doença. Em maio deste ano, durante a reunião anual da Organização Mundial de Saúde Animal (OIE), em Paris, a entidade deverá anunciar o Brasil como país livre da febre aftosa com vacinação. A certificação oficial pela OIE de que todo o território nacional é livre da doença com vacinação, deve contribuir para ampliar e abrir novos mercados internacionais às carnes brasileiras.

No último ano, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) criou um comitê para preparar ações voltadas para o alcance desse objetivo. O comitê organizador foi criado por meio de portaria do ministro Blairo Maggi, publicada na edição de 12 de maio no Diário Oficial da União.

O reconhecimento pela OIE deverá consolidar o processo de reconhecimento feito pelo Mapa. No início de dezembro, quando foram declaradas novas zonas livres da febre aftosa com vacinação no Amapá, Roraima, em grande parte do Amazonas e em áreas de proteção no Pará, finalizou-se nacionalmente o processo de erradicação da doença. Em abril, completaram-se 11 anos sem registro de ocorrência de aftosa no país.

Durante o V Encontro Nacional de Defesa Sanitária Animal (Endesa 2017), no Pará, no último mês, o ministro Blairo Maggi, falou do "coroamento de 60 anos de trabalho para o Brasil ser livre de aftosa com vacinação".

Estratégia importante em relação ao enfrentamento da doença em curso é a execução do Plano Estratégico do PNEFA 2017-2026, com o objetivo de criar e manter condições sustentáveis para garantir o status de país livre da febre aftosa com vacinação e ampliar as zonas livres da doença (sem vacinação). Zona livre sem vacinação, representada pelo estado de Santa Catarina, manteve em 2017 seu status sanitário.

## **URUGUAY**

### **Con oferta limitada, novillo gordo cruza los US\$ 3**

Por Blasina y Asociados, especial para El Observador. Enero 5, El mercado está firme, con demanda en todas las categorías.

El novillo gordo cruzó los US\$ 3 por kilo de carcasa de la mano de una oferta disminuida típica de cada comienzo de año. El mercado está firme, con demanda en todas las categorías e ingresos a plantas industriales que rondan una semana.<sup>1</sup>

Se han hecho negocios de hasta US\$ 3,05 por ganados especiales, con escala de valores dependiendo de la calidad del ganado. Hay plantas que no pasan más de US\$ 3.

En el caso de la vaca gorda los negocios se concretan entre US\$ 2,80 y US\$ 2,85 por kilo de carcasa, con un mercado dinámico con fuerte demanda del abasto. Los negocios por vaquillonas van desde US\$ 2,90 US\$ 2,95.

La Asociación de Consignatarios de Ganado (ACG) subió de US\$ 2,92 a US\$ 3 por kilo carcasa la referencia para el novillo especial de exportación y de US\$ 2,93 a US\$ 3 los novillos especiales para abasto. "Con poca oferta, entradas cortas y mercado muy firme", señaló el comentario de ACG.

La vaca gorda especial pasó de US\$ 2,72 a US\$ 2,77 y las vaquillonas gordas especiales pasaron de US\$ 2,86 a US\$ 2,90.

En los próximos días el clima y cómo evolucione la oferta vendedora será clave para que los precios continúen en torno a los valores actuales. Consignatarios consultados recomendaron aprovechar el momento para concretar negocios y "no especular demasiado" con que los valores puedan seguir subiendo.

Los altos volúmenes de faena han sido clave en la conformación de precios. Al cierre del 2017 la faena vacuna totalizó los 2.339.973 cabezas, 3,2% mayor que los 2.266.764 faenados en 2016 y la segunda más alta registrada en el Uruguay después del 2006, año en el que el sacrificio alcanzó los 2.388.583 cabezas.

En diciembre de 2017 –el mes de mayor actividad del año– se faenaron 228.668 animales, 6% más que en el mismo mes del año anterior. Además de la firmeza en el mercado ganadero, el precio de exportación de carne vacuna cerró 2017 con el segundo mayor valor semanal del año.



La tonelada de carne vacuna promedió US\$ 3.786, una suba semanal de 5% y consolidó nueve semanas por arriba de US\$ 3.400.

Fue el segundo mayor promedio semanal del año por detrás de la segunda semana de setiembre con US\$ 3.797. El ingreso promedio al cierre de 2017 se ubicó en US\$ 3.453 por tonelada, una suba de 1,6% respecto a los US\$ 3.399 de 2016.

La ACG mantuvo las referencias de precios para las ventas de ovinos en US\$ 3,58, para el cordero mamón (con oferta casi nula); US\$ 3,22 para el cordero pesado; US\$ 3,17 para borregos; US\$ 2,89 para capones; y US\$ 2,74 para las ovejas.

### **Mercado de haciendas gordas: “es el momento” para vender ganado**

03/01/2018 “Para acceder a los mejores precios se tienen que concretar negocios con cargas inmediatas”, aseguró Guillermo Rodiño, director de Blanco & Rodiño.

El mercado de haciendas gordas está transitando una semana con “escasez de oferta”, dado que los productores están de vacaciones, y con una demanda que “está necesitada de animales”. Este desequilibrio ha provocado un “aumento esperable” en los valores de los vacunos, comentó a Rurales El País Guillermo Rodiño, director de Blanco & Rodiño.

Para esta semana, explicó que las referencias por novillos y vacas lograron un incremento destacado, alcanzando los US\$ 3 y US\$ 2,80 el kilo en cuarta balanza, respectivamente. Y cotizaciones por encima de éstas para vacunos que se puedan cargar en la misma semana.

Rodiño aseguró que “cuesta” conseguir novillos y vacas; por tanto, recomendó hacer las ventas en estas semanas, “es el momento”, dijo. El mercado está tendiendo a ir analizando negocio a negocio pero con cargas rápidas. “Hay urgencias de cargas y para acceder a los mejores precios se tienen que concretar con cargas inmediatas”, agregó.

Mirando para adelante, el consignatario entiende que la oferta comenzará a aparecer con mayor fluidez en la segunda quincena de enero, por lo que se deberá esperar hasta esas fechas para saber qué puede ocurrir con los valores de la hacienda. Sin embargo, señaló que US\$ 3 por novillo es una referencia justa en esos momentos.

### **Industriales esperan que precios y faena se normalicen en la segunda quincena de enero**

Enero 4, 2018 Estiman que la actividad industrial volverá a las 45.000 reses semanales

Generalmente en los primeros días del año hay menor oferta en el mercado de los ganados para faena, y eso provoca un aumento de los precios. Pero los industriales confían en que tanto los valores como los volúmenes de faena volverán a la normalidad en la segunda quincena de enero. Así lo expresó el presidente de la Asociación de la Industria Frigorífica del Uruguay (Adifu), Marcelo Secco, al ser consultado por El Observador.

"La lógica de los primeros 10 días del año es de menor oferta, lamentablemente las lluvias no fueron parejas en todo el país. Menos de la mitad del territorio recibió agua como para acomodar un poco el forraje", comentó quien además es el CEO Conosur de Grupo Marfrig.

Secco reconoció que la oferta es más baja que en las semanas de las fiestas, pero dijo que no se cortó, continúa disponible.

En cuanto a la suba de las cotizaciones de los ganados para faena consideró que se debe a un momento puntual de oferta y demanda, algo que siempre se da en las negociaciones cuando presiona más una parte que la otra.

Pero advirtió que las señales que está dando el mercado en materia de precio internacional de la carne no son como para validar subas de precios de los ganados gordos. "Se está buscando ese equilibrio entre una menor oferta y una demanda que habrá que ver dónde se posiciona con los nuevos valores, y en función de eso se acomodará", dijo.

El empresario estimó que en la segunda quincena de enero habrá una actividad normal, que no se ubicará en los niveles previos a las fiestas, cuando se registraron niveles de faena que fueron históricamente altos. En ese sentido opinó que las faenas se deberían ubicar en el entorno de las 45 mil reses en la segunda quincena de este mes.

Según datos del Instituto Nacional de Carnes (INAC), la faena vacuna cerró 2017 en 2.339.973 cabezas, 3% más que en 2016. Se confirmó así el cuarto año consecutivo de aumento de la faena vacuna y la mayor desde el año 2006, según la información publicada por ese organismo.

### **La faena vacuna creció y la ovina cayó en 2017**

Enero 2, 2018 Datos del Instituto Nacional de Carnes (INAC) al cierre del año

Según datos del Instituto Nacional de Carnes (INAC), la faena vacuna cerró 2017 en 2.339.973 cabezas, 3% más que en 2016, cuando alcanzó a 2.267.000 reses.



Se confirmó así el cuarto año consecutivo de aumento de la faena vacuna y la mayor desde el año 2009, según el organismo rector de la carne.

En cambio, la faena de ovinos tuvo una leve caída al cerrar el año en 826.572 cabezas contra las 833 mil del año 2016.

En la última semana del año, entre el 24 y el 30 de diciembre pasado, la faena de vacunos totalizó 42.430 cabezas, una cifra 24% inferior a la semana anterior. En ovinos, la faena semanal al 30 de diciembre totalizó 31.025 cabezas, lo que marcó una caída de 15.497 animales menos que la semana anterior cuando se habían faenado 46.522.

### **El 11,5% de la producción de carne vacuna provino de los feedlots**

02/01/2018 - Las industrias procesaron 254.000 animales de los corrales durante el año agrícola 2016/17, un 21% más en comparación con el periodo pasado.

La participación de animales engordados en feedlots en la faena de vacunos fue de 254.000 cabezas durante el año agrícola 2016/17, un 21% más en comparación con el periodo pasado, según informó la Oficina de Programación y Política Agropecuaria (OPYPA).

Este aumento "guarda una fuerte relación con el crecimiento, hasta ese momento, de la participación de Uruguay en la cuota 481 (cupó de carne de alta calidad libre de aranceles con destino a la Unión Europea)", aseguró a Rurales El País Rafael Tardáguila, director de Tardáguila Agromercados.

El analista dijo que durante esos doce meses las carcasas de todas las categorías procesados promediaron 252 kilos, mientras que las producidas en corrales de engorde, con animales más gordos y mayor predominio de novillos, alcanzaron los 277 kilos.

Como resultado, Tardáguila explicó que las industrias instaladas en el país "produjeron 70.000 toneladas de carne peso carcasa de animales que provenientes de los feedlots, lo que representa un 11,5% del total". Si se toman en cuenta solo los novillos, "la producción fue de 54.000 toneladas, un 17% de las 323.000 toneladas procesadas en ese ejercicio", agregó.

El experto también resaltó la "fuerte participación de las vaquillonas" en los confinamientos. En tan solo un ejercicio pasaron de 27.000 a 57.000 cabezas (2016/17). Tardáguila aseguró que este incremento se debe a "un mejor aprovechamiento del precio de compra de los corrales de acuerdo a la competencia adicional de la exportación de ganado en pie.

### **Exportación de ganado en pie fue récord en 2017 – Productores y frigoríficos plantean su posición**

Enero 2, 2018 Se enviaron al exterior 332.320 cabezas, superando en más de 48.500 reses el récord de 2016

Durante el año 2017 se registró un récord en exportación de ganado en pie. Se embarcaron desde Uruguay 332.320 cabezas, según datos del Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca a los que accedió El Observador. La cifra supera en 48.503 reses el total de 2016, que ya había sido récord.

Hasta noviembre la cifra era aproximada a la del año pasado, pero quedaba la duda de cómo se comportaría la actividad en diciembre; pero finalmente se embarcaron 61.854 vacunos, sobre todo en los últimos días del año. Sólo entre el viernes 29 y el domingo 31 se embarcaron 32.359 cabezas.

Casi la totalidad de los animales exportados el año pasado fueron terneros sin castrar que se enviaron a Turquía. El presidente de la Unión de Exportadores de Ganado en Pie del Uruguay, Rodrigo González, comentó a El Observador desde Estambul que se espera que la actividad se mantenga como en los últimos años durante este 2018, "siempre que Turquía no proponga cambios inesperados, como ya lo ha hecho en otras oportunidades", advirtió.

Vienen telenovelas y van terneros

Enero 5, 2018 Productores y frigoríficos plantearon sus posiciones ante el récord de exportación de ganado en pie en 2017

Ya casi ningún criador castra sus terneros al nacer, sino que espera a hacerlo en invierno por si le surge la posibilidad de venderlos para la exportación, comentó un médico veterinario a El Observador Agropecuario. Y es que la exportación de ganado en pie se consolidó como un mercado fundamental para los productores ganaderos, sobre todo para los criadores, que históricamente fueron el eslabón más débil de la cadena, como lo remarcó el presidente de la Federación Rural, Jorge Riani, consultado al respecto.

El martes 2 El Observador informó en su portal que en el año 2017 se registró un nuevo récord de animales exportados. Concretamente fueron 332.320 cabezas, 17% más que en 2016, que había sido el récord anterior. Del total comercializado, 93% fue enviado a Turquía y por allí pasan las objeciones de la industria.

El presidente de la Asociación de la Industria Frigorífica del Uruguay (Adifu), Marcelo Secco, expresó que les preocupa que la exportación de ganado siga estando extremadamente concentrada en Turquía.

"Como todos sabemos, Turquía maneja arancel diferencial. Pero pese a todos los esfuerzos no pudimos hacer toda la exportación de carne que queríamos, porque evidentemente no es la intención de Turquía



comprar carne. Maneja un arancel diferencial que claramente quiere favorecer la importación de animales en pie, con la lógica protección de sus productores", manifestó a El Observador Agropecuario.

Aclaró que el enfoque de Adifu no es de cuestionar la actividad de la exportación en pie, porque reconoció que es una herramienta para que el sector primario mejore su ingreso. Pero planteó trabajar con las herramientas del libre comercio, para que permitan a todos los sectores mejorar su competitividad.

"Es importante plantear esta discusión en un momento angustiante para todo el sector agroexportador del Uruguay, que ve comprometida su competitividad por los altos costos del país, con los recientes aumentos de tarifas públicas y demás presiones de costos. Por eso un elemento como la exportación récord de ganado en pie, y con un destino mayoritario a Turquía, nos sigue preocupando", subrayó.

Sin embargo, Riani insistió en que para la Federación Rural es muy importante ese mercado. El productor afirmó que "es importante para todos los productores, porque mueve a toda la cadena, y sobre todo beneficia al sector más débil que es el criador, que está integrado en su mayoría por productores chicos y medianos, que son los más sensibles. Los criadores eran quienes pagaban los platos rotos cuando caía el precio del ganado gordo. Hoy si no hubiera exportación de ganado el ternero valdría como mucho US\$ 200 (el precio actual es de unos US\$ 350 por cabeza)".

Si bien en 2017 se exportaron más de 332 mil vacunos, la faena en Uruguay fue histórica, superando los 2,3 millones de cabezas, la segunda más alta después de la del año 2006, según datos del Instituto Nacional de Carnes (INAC).

Para el presidente de la Federación Rural esto demuestra que cuando el productor recibe señales claras invierte más, entora más vacas y produce más terneros.

"Se puede exportar más y también faenar más ganado. Dejamos de tener el cuello de botella que teníamos, cuando bajaba el precio del ganado gordo, y en ese momento quienes pagaban los platos rotos eran los criadores. Las ventas en la zafra de toros fueron excelentes, y eso también demuestra la intención de entorar, y cuando hay señales claras el productor responde de forma positiva. Para Uruguay es muy positivo mantener la exportación de ganado en pie, y creemos que la industria no tendrá problemas de abastecimiento, porque el productor producirá más terneros. Creo que además tenemos margen para exportar un volumen mayor al que se exportó este año de ganado en pie", consideró.

Pero para Secco los efectos de los altos volúmenes de ganados exportados en pie se comenzarán a notar recién en la faena de este año y los siguientes, según comentó en base a los datos de Dicose. "Eso se reflejará en menos horas de trabajo, menos niveles de actividad, costos adicionales y demás", comentó.

Riani aseguró que la industria no tendrá problemas de abastecimiento por la exportación de ganado, porque se producirán más terneros.

El presidente de Adifu y CEO Conosur de Grupo Marfrig, estimó que la faena en Uruguay caerá al menos entre 5% y 8% este año. Indicó que el sistema de terminación de ganado a corral acertó los ciclos de producción, por lo tanto muchos de los terneros exportados serían los novillos gordos de este año.

"Los datos de Dicose muestran menor disponibilidad de novillos de 1 a 2 años y de 2 a 3 años, además de un buen precio del ternero que tampoco hace esperar que haya más categorías para faena. El año pasado hubo más vaquillonas a faena por terminación a corral, pero si hay un problema con esa categoría no tendrá lugar en la faena y pasará a integrar el rodeo de cría, por lo tanto no irá a faena inmediata. Todo eso disminuye la actividad. No podemos desconocer que la categoría mayoritaria de la exportación de ganado en pie es la de terneros y esos novillitos no están", afirmó el industrial.

Pero además del factor de la exportación influirán en el resultado final de la faena de 2018 el clima y los negocios que se puedan realizar en el mercado ganadero a nivel interno.

En ese sentido, el presidente de la Asociación Uruguaya de Productores de Carne Intensiva Natural (Aupcin), Álvaro Ferrés, comentó que la exportación le ha hecho un bien "fantástico" a Uruguay. Dijo que además de beneficiar al sector criador generó una nueva opción de negocios para quienes tienen sistemas de engorde a corral: la recría de terneros para exportación.

"La exportación contribuyó a valorizar a las hembras, y generó una estabilidad muy importante en los valores de la reposición", remarcó.

Reconoció que la demanda de la exportación desfavoreció la relación de precios flaco-gordo, o ternero-novillo, y eso hizo que los invernadores tiendan a cambiar de negocio, volcándose cada vez más a la cría, porque es donde está el mejor negocio.

Esto también hizo que quienes se mantuvieron en la terminación de ganados demandaran otras categorías, como las hembras, y por eso también subieron los precios de esas otras categorías.

El productor razonó que si Uruguay tuvo un año de faena histórico y a la vez récord de exportación de ganado en pie, eso quiere decir que el país tuvo un año con mayor ingreso de divisas, y por lo tanto fue algo fantástico.

"Hay producción de terneros como para aumentar la faena y también la exportación en pie", afirmó Álvaro Ferrés.

"Las cadenas cinchan, no se empujan, por lo tanto si hay exportación de ganado en pie y estabilidad de valores, tiende a generarse una mayor producción de terneros y habrá suficiente producción para que



umente la faena año a año y también la exportación en pie. Eso es lo que está pasando en los últimos años. Es un complemento fantástico, además se genera valor agregado, porque las concentraciones de la exportación, los fletes y demás generan demanda de actividad", expresó.

Ferrés agregó que la industria estuvo muy activa, así como la exportación de ganado en pie. "Se ve que el negocio de la industria está bien, porque hay frigoríficos que volverán a funcionar. El mensaje es muy positivo", destacó.

El empresario descartó una desigualdad de condiciones que afecte a los industriales. "Así como la exportación en pie le da alternativas a los criadores y al sistema productivo de la carne, en Uruguay las principales empresas frigoríficas importan carne para el abasto, así que cuando el negocio de importar carne sirve ellos se suman", planteó.

Secco insistió en que la exportación de ganado en pie es un ejercicio de libre mercado y no significa una dificultad como sector industrial, pero llamó a definir la estrategia de país que se quiere.

"Por un lado pretendemos negociar una cuota con Europa, mejorar el acceso a los mercados, y por otro lado la exportación de ganado a Turquía consideramos que es absolutamente distorsiva, más allá de la oportunidad del momento", expresó.

Señaló además la ausencia de mensajes desde el Poder Ejecutivo. "Está muy clara la realidad de los subsectores, y de la agroindustria en general, pero por ninguno de los lados se percibe un mensaje que aliente a desafiarnos en materia de producción; ni por el lado de las políticas públicas, ni por las políticas tarifarias, ni de los costos, ni de las cargas fiscales. Pero el año recién comienza y esperamos tener algo pronto", comentó.

El presidente de la Unión de Exportadores de Ganado en Pie, Rodrigo González, comentó a El Observador Agropecuario que espera que el mercado de la exportación de ganado siga como en los últimos años, con Turquía como destino casi exclusivo.

Agregó que las señales para los criadores son positivas, para que dejen sus terneros sin castrar, tal como lo demandan en ese mercado. Pero también alertó que Turquía ya realizó cambios inesperados, tanto en los precios que propone como en las condiciones de negocios, y eso podría generar inconvenientes en la actividad.

Riani concluyó que la Federación Rural defenderá con uñas y dientes el proceso de exportación de ganado en pie, "porque estamos convencidos de que es muy bueno para todo el sistema ganadero, no solo para los criadores. Obliga a recriadores e invernadores a ser más eficientes; y ampara a los criadores, que tienen el proceso biológico más largo, sin riesgos, porque la producción vale gracias a la exportación".

#### Ovinos

La exportación de ovinos fue muy escasa. Se realizaron negocios fundamentalmente de animales para reproducción a países de la región. En 2017 se exportaron 173 ovinos, 94% a Paraguay. La Federación Rural reclama que se habilite la exportación de ovinos a Brasil por Artigas y Rivera, ya que sólo está habilitada la salida por Aceguá. Señalan que es muy importante la cantidad de ovinos para faena que existe y que no tienen colocación en el mercado local, ya que la industria prioriza faenar vacunos.

### **Nafta pierde en participación dentro de las exporciones uruguayas de carne bovina**

Enero 1, 2018 Son los puntos que ganó China que subió a un 49% como destino para la exportación de Uruguay

La mayor participación porcentual de China como mercado para la carne bovina uruguaya, que al pasado 23 de diciembre había pasado de un 44% en el 2016 a un 49% en el 2017, estuvo determinada casi totalmente en la caída porcentual que tuvo el mercado del Nafta -principalmente EEUU- para los exportadores de este país, que pasó de un 23% a un 19% en este último año.

El resto de los principales destinos se ha mantenido en similares porcentajes que en el 2016, según los últimos datos publicados por el Instituto Nacional de Carnes (INAC) cuando restaban ocho días para cerrar el año.

Así es que la Unión Europea (UE) se mantiene en un 12% en el destino para la exportación de carne bovina de Uruguay, Israel en el 7%, el Mercosur en el 5%, Federación Rusa en el 2%, Islas Canarias en el 1%, mientras que otros destinos bajó de un 6% a un 5% el año pasado.

China importó hasta el 23 de diciembre un total de 213,9 mil toneladas, por un valor de US\$ 590,3 millones.

### **Compartimento tiene marco jurídico**

29/12/2017 - Decreto lo liberó a todas las especies y el MGAP será el que auditará y certificará proceso. especies, pero siempre auditado y certificado por la Dirección General de Servicios Ganaderos del Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca.

El decreto fue emitido el pasado 19 de diciembre, luego de ser firmado por el presidente de la República, Tabaré Vázquez y el ministro de Ganadería, Agricultura y Pesca, Tabaré Aguerre.



Con la reglamentación de esta figura, se habilita la instalación de compartimentos de alta bioseguridad de todas las especies, pero aún falta que el servicio sanitario oficial emita la resolución correspondiente, estableciendo las condiciones.

A pesar de que Uruguay es un país libre de fiebre aftosa con vacunación y nunca tuvo un caso de encefalopatía espongiforme bovina o “vaca loca” —ambos reconocimientos son otorgados anualmente por la Organización Mundial de Sanidad Animal (OIE)— hay países que imponen barreras para arancelarias buscando argumentos sanitarios.

Por eso, usando el ingenio y como estaba ya instalado en el código zoosanitario de la OIE, que es el organismo que regula el comercio mundial de animales vivos y subproductos de origen animal, Uruguay creó el primer compartimento ovino de alta bioseguridad a cielo abierto y hoy, ese ejemplo y la experiencia uruguaya, despierta el interés de varios países.

La herramienta permite certificar la excelencia sanitaria, apuntando a un plus de precio adicional por ese producto certificado. Un ejemplo claro fueron las dos primeras exportaciones de corderos del compartimento ovino de Cerro Colorado (en el predio del Secretariado Uruguayo de la Lana), donde se obtuvo un precio 15% superior por los corderos remitidos a Frigorífico San Jacinto que formaron parte operativo.

“La instalación de un compartimento ovino de alta bioseguridad se justifica en la medida que haya un sobreprecio por los corderos que se remitan a faena”, aseguró a El País el Dr. Jorge Bonino Morlán, asesor privado y representante de Uruguay ante la Organización Mundial de Sanidad Animal por más de 20 años. Junto con los Dres. Carlos Correa (ex presidente de la Comisión de Delegados de la OIE) y Francisco Muzio (ex director de los Servicios Ganaderos/MGAP), apoyados por el Dr. Alex Thierman (presidente de la Comisión de Código de la OIE), crearon e instalaron el primer compartimento ovino de alta bioseguridad de Uruguay.

EXPERIENCIAS. Hoy hay dos compartimentos. El primero es el citado anteriormente, de donde se aportaron los primeros 1.500 corderos que fueron exportados con éxito a Estados Unidos. El otro está en vías de instalación y está ubicado en San Gabriel (Florida), en un predio del Instituto Nacional de Colonización (INC), apuntando a valorizar los corderos de pequeños productores colonos.

Según comentó a El País el Dr. Bonino hay mucho interés en instalar otro compartimento ovino de alta bioseguridad en el departamento de San José, pero los corderos serían remitidos a otra industria que también manifestó mucho interés; también se despertó interés en otros frigoríficos que son exportadores de ovinos.

En el compartimento ovino es clave la trazabilidad electrónica individual de los corderos y los análisis serológicos que se deben cumplir a lo largo del proceso previo a la faena, para determinar ausencia viral de fiebre aftosa (en Uruguay no se vacunan los ovinos contra esta enfermedad).

La industrialización se hace bajo condiciones especiales y estricta supervisión del MGAP, al igual que el embarque de los corderos hacia el frigorífico (van en camiones precintados).

Bonino aseguró a El País que “los costos no son altos y la intensidad es que sean lo menos posibles. En la medida que esta figura tenga demanda, se van a ir achicando”.

La habilitación sanitaria de los compartimentos ovinos deberá ser renovada anualmente, “mediante certificado expedido por un veterinario de libre ejercicio acreditado, a fin de verificar el mantenimiento de las condiciones de alta bioseguridad determinadas en cada caso”, establece el decreto.

BOVINOS. En caso de esta especie, el compartimento de alta bioseguridad estará focalizado en la exportación de genética, fundamentalmente destinado a la venta de semen bovino congelado y posiblemente embriones, además de otras opciones de negocios que tengan un valor agregado. Hay uno ya instalado y hay interés de algunas empresas privadas de instalar algunos más en el corto plazo, según señaló el asesor privado a El País. Al igual que en el ovino, los privados se hacen cargo de todos los costos y el MGAP de las certificaciones sanitarias.

“Se puede aprovechar la aplicación del compartimento de alta bioseguridad para algunas campañas sanitarias, en predios interdictos”, agregó Bonino. Un caso típico sería en un predio interdicto por brucelosis bovina, porque el compartimento podría liberar una cierta población animal que esté sana en ese establecimiento que no puede mover ganado por estar interdictado por el MGAP.

La brucelosis es una enfermedad de hembras, pero un determinado establecimiento que fuera interdictado por haberse encontrado casos positivos en su rodeo, podría enviar sus toros a un compartimento ovino, certificarlos y venderlos amparándose en la ciencia.

El decreto marca que un “establecimiento con condiciones de alta bioseguridad sanitaria o compartimento a un predio físicamente definido, habilitado, registrado y controlado por la Dirección General de Servicios Ganaderos del Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca, a través de la División Sanidad Animal, donde se contiene una población de animales con estatus sanitario diferenciado con respecto a determinadas enfermedades, bajo un sistema de gestión de bioseguridad mediante el cual, se han aplicado medidas de vigilancia, control y bioseguridad específicas”. Es un veterinario de libre ejercicio el que deberá elaborar ese plan.



## **Presión fiscal sobre el agro creció 9% según gobierno**

01/01/2018 - El campo pagó US\$ 279,7 millones por impuestos en 2017.

El sector agropecuario pagó US\$ 25,7 millones más de impuestos en 2017 respecto a 2016 (o lo que es lo mismo, 10,1% más), según datos estimados de la Oficina de Programación y Política Agropecuaria (Opypa) del Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca.

Globalmente los productores pagaron por tributos US\$ 279,7 millones. El incremento está dado por mayor recaudación en algunos impuestos que gravan la tierra y por mayor monto de lmeba.

Según el trabajo de Adrián Tambler "Recaudación y Presión Fiscal en el Agro", publicado en el Anuario de Opypa 2017, el año pasado, la presión fiscal se ubicó en torno a 8,8% del Producto Bruto agropecuario respecto al 8,1% de 2016. El guarismo de 2017 es el mayor de los últimos cinco años. La mayor recaudación esperada de impuestos y la estabilidad del Producto Bruto medido en dólares corrientes explica el incremento de la presión fiscal, destaca el trabajo técnico publicado en el Anuario de Opypa.

Por concepto de lmeba se recaudó el año pasado unos US\$ 55,1 millones, cifra que representa un incremento de 10% frente a lo recaudado en 2016. Ese incremento estaría dado por la mayor facturación de carnes y leche y en menor medida por granos, que si bien aumentaron en términos físicos en lmeba está muy bajo (0,1%), destaca el trabajo del jerarca.

A su vez, los impuestos sobre la tierra muestran un aumento significativo, que en su conjunto es del 10,2%. A excepción del Impuesto al Patrimonio los otros tributos aumentan en forma significativa, lo que se explica exclusivamente porque esos impuestos se ajustan en pesos uruguayos. Como el dólar cayó entre 2016 y 2017, el impuesto se incrementa más aún medido en dólares corrientes. Según marca el trabajo, el Impuesto al Patrimonio mantiene su tendencia a la baja desde 2014, lo que parece ser el comportamiento esperado de este tipo de tributos. Según la estimación de Opypa, los impuestos a la renta tendrían una leve recuperación para 2017, como resultado de una mayor recaudación de lmeba y dentro de este rubro básicamente por la carne y leche que habrían tenido mayores niveles de facturación.

A su vez, los impuestos indirectos de menor significación en el total, mostrarían también un aumento importante respecto de 2016 (+11%), como resultado de una mayor incidencia del IVA y del Impuesto de Mevir (adicional de lmeba). En caso del primero, se considera sólo aquella porción del impuesto que no se puede descontar, o sea el IVA de los productores que hacen la opción de lmeba. Una parte importante del IVA refiere a costos en moneda nacional (léase servicios) y al gasoil, por lo que la caída del tipo de cambio los habría encarecido en pesos.

Por otro lado, las deducciones a las exportaciones, que alcanzan solamente a los cueros sin procesar, generan una recaudación superior a la de 2016, consecuencia de una mayor exportación de ese tipo de productos.

La devolución de impuestos indirectos a las exportaciones prácticamente se mantendría, según la estimación de Opypa. Quedaría en valores similares a los del año anterior, pues se mantendrían en valor el total de las exportaciones que reciben este beneficio.

La estimación de tributos en el sector agropecuario publicada en el Anuario de Opypa 2017, no considera IRPF que tributa el propietario que arrienda su tierra, norma que está vigente desde la Reforma Tributaria. Las gremiales de mayor peso dentro del agro siguen reclamando al gobierno que contemple al campo como generador de empleo y divisas.

## **PARAGUAY**

### **Ganado paraguayo vuelve a ser el más caro de la región**

4 de Enero de 2018 El ganado paraguayo se posicionó de nuevo la semana pasada como el más caro de la región. En Argentina, el precio de la hacienda cayó 4%, en tanto que en Brasil y Uruguay se registraron leves subas, según datos publicados en la página web de Valor Carne.

El informe de Valor Carne (VC) explica que la escasez de oferta por las lluvias posicionó al ganado paraguayo como el de más alta cotización de la región.

En el caso de nuestro país, dice que el novillo apto Hilton alcanzó los U\$S 3,40 por Kg, aumentando 20 centavos (6%) y colocándose de nuevo al tope de las cotizaciones regionales. Incluso en algunas operaciones se habría llegado a pagar U\$S 3,50 por Kg. La suba fue producto de las lluvias generalizadas y la disminución de la oferta de ganado por los feriados.

La publicación recuerda que a principios de noviembre, el precio del ganado paraguayo ya había llegado a U\$S 3,45 por kg, con bajas posteriores por su inconsistencia con el mercado internacional. No obstante, se dio marcha atrás en ese recorrido por una oferta anormalmente baja. "Creemos que con el transcurso de algunos días, los valores volverán a acercarse a los prevalectos hasta hace diez días", dice Valor Carne.



A nivel minorista, datos que se manejan en el mercado local señalan que la insuficiente oferta de ganado a los frigoríficos hizo que los precios de los cortes de carne vacuna al consumidor final se mantuvieran altos en las últimas semanas.

En Argentina y Brasil

En Argentina, según Valor Carne, los novillos trazados aptos para Hilton registraron una baja de 13 centavos (4%) hasta los U\$S 3,17 por kg, la cotización más baja desde agosto. Esto por una devaluación (3,5%) del peso argentino frente al dólar.

En Brasil el novillo terminado aumentó 2 centavos (0,7%), hasta los U\$S 2,95. Las alzas de precio en moneda local de este país vienen desde hace varias semanas por una recuperación de la demanda local y a un alto nivel de exportaciones.

En Uruguay el novillo gordo para exportación subió dos centavos, terminando en U\$S 3,04.

### **Estiman que ganadería crecerá 8% en 2018**

2 de Enero de 2018 Hay una estimación de crecimiento de alrededor del 8% para toda la cadena ganadera este año, según análisis del Viceministerio de Ganadería y técnicos del Banco Central del Paraguay, manifestó el viceministro de Ganadería, Marcelo González. Este mes implementarán el plan piloto de aumento del procreo.

El aumento del hato ganadero es el objetivo principal del sector privado como público. Este mes se implementa un plan piloto para el mediano y pequeño productor pecuario. / ABC Color

El viceministro comentó a este diario que hicieron un análisis juntamente con técnicos del Banco Central del Paraguay (BCP) respecto a la proyección de crecimiento de la ganadería para este año que se inicia, y a partir de lo que ya se viene creciendo. “Hay una estimación de alrededor del 8% de crecimiento para toda la cadena ganadera”, expresó.

La proyección está basada en la implementación de tecnología en el manejo de la reproducción de animales y también en la disposición de la banca, pública y privada, de créditos ventajosos al sector ganadero. “Si este año hacemos un buen trabajo, eso se reflejará inmediatamente en el 2019 a nivel de nacimientos y en la marcación de ese año”, apuntó.

El hato ganadero en el 2017 registró 13.789.254 ejemplares, según datos del Senacsa. A noviembre de 2017, Paraguay exportó carne por U\$S 1.312 millones.

González Ferreira recordó que el plan piloto de aumento del procreo para medianos y pequeños productores se iniciará este mes. Mencionó que el Viceministerio de Ganadería cuenta ya con un ecógrafo de alta tecnología para hacer el diagnóstico de las vacas.

También hay interés del sector de la ganadería empresarial de acceder al sistema tecnológico de explotación pecuaria, por lo que la propuesta está a disposición, dijo. “Vamos a desarrollar y presentarles todo un paquete tecnológico de pecuaria o de ganadería de alta precisión que vamos a estar poniendo a disposición de los ganaderos empresariales. En este caso tendrá un costo que significará la sostenibilidad del sistema”, expresó.

Recalcó que todo eso tendrá un impacto importante dentro de la economía. “Sabemos que cualquier porcentaje, llámese 5% o 10%, en la ganadería empresarial significa un salto importante para el sector, y en cuanto a la cantidad de animales también”, puntualizó.

### **Aguardan respuesta de Hong Kong sobre venta de carne**

04 de Enero de 2018 El titular de la Cámara Paraguaya de Carnes, Juan Carlos Pettengill, cree que en los próximos días recibirán la confirmación para una entrevista con autoridades del servicio veterinario de Hong Kong a fin de ver qué estaría faltando para la apertura de ese mercado a la carne paraguaya.

“Estamos expectantes. En los próximos días tendremos novedades”, respondió ayer a una consulta de este diario. El gremio había solicitado una entrevista con autoridades sanitarias de Hong Kong para ver qué detalles faltarían para concretar el negocio.

Tanto la Cámara y el Senacsa consideran que el proceso está finiquitado, pero que faltarían algunos ajustes muy pequeños de entendimiento sobre algunas cosas.

Una delegación de técnicos sanitarios de Hong Kong visitó el país en junio pasado, recorrió plantas frigoríficas, laboratorios oficiales, establecimientos ganaderos, entre otros, para interiorizarse del proceso de industrialización de la carne paraguaya.

Esta región asiática es el sexto mayor importador de carne bovina del mundo, con volumen de compra de 375.000 toneladas anuales, lo que representa un valor de unos US\$ 1.500 millones por año.



## ESTADOS UNIDOS

### Consumo de carnes alcanzaría un récord histórico en 2018

For all the buzz about pea protein and lab-grown burgers, Americans are set to eat more meat in 2018 than ever before.

To be precise, the average consumer will eat 222.2 pounds of red meat and poultry this year, according to the U.S. Department of Agriculture, surpassing a record set in 2004. Meanwhile, domestic production will surpass 100 billion pounds for the first time, as livestock owners expand their herds on the back of cheap feed grain.

Though the USDA's per capita measure isn't a true gauge of consumption, it serves as a common proxy. It shows egg demand reaching an all-time high as well in 2018. Dairy items like cheese and butter have also been growing in popularity.

"If you look at the items that consumers say they want more of in their diet, protein tops the list," said David Portalatin, a Houston-based food industry adviser for NPD Group.

Many Americans are actively shunning carbohydrates in favor of protein, though any health benefits may be outweighed by the sheer volume of meat, eggs and dairy being consumed. While the government recommends that adults eat 5 to 6.5 ounces of protein daily, the USDA forecasts the average person will down almost 10 ounces of meat and poultry each day in 2018.

It's a sharp turnaround from 2007 through 2014, a time when per capita meat and poultry demand slumped 9 percent as rising corn-based ethanol demand and a drought sent commodity prices sharply higher. Though cattle and hogs are now far cheaper than their 2014 peak, prices could still rebound. U.S. meat exports have soared as the global economy improves, outpacing the gains in domestic demand.

Most-active cattle futures in Chicago rose 4.7 percent in 2017, the first gain in three years, and hogs climbed 8.5 percent. Cash livestock prices may fall in 2018, the USDA forecasts.

Meat substitutes have gained attention in recent years amid concerns about the impact of a carnivorous diet on health, animal welfare and the environment. For example, Chicago-based Epic Burger Inc. last year started selling the Beyond Burger plant-based patty that mimics meat. Protein from plants, insects or cultured meat are a top food trend to watch, though the category isn't expected to significantly dent animal product sales just yet, according to a November report from CoBank.

"Ten years from now, there will be higher plant consumption, but beef will always be king," Epic Burger founder David Friedman said. "People are always looking to put more protein into their diets. But they want high quality and transparency in the food they're eating."

### Firme la demanda de carnes bovinas a lo largo de 2017

04 January 2018 US - Consumer demand for beef held up well in 2017, considering slow growth in the economy, intensifying competition from more supplies of competing meats and the developments in consumer tastes and preferences for new food products or dietary diversity, reports Steiner Consulting Group, DLR Division, Inc.

Through the first eleven months of 2017, the retail price of choice beef declined by 1 per cent from a year earlier, according to USDA-ERS (Economic Research Service). With general price inflation in the economy running at 2 per cent, this translates into a 3 per cent decline in prices in inflation adjusted terms.

Supplies of beef available to the US consumer in 2017 are projected to be up to 56.8 pounds per person from 54.3 pounds on a retail weight adjusted basis, with only December production and import-export data for November and December yet to be officially released. The graph below shows how the price-quantity data for 2017 compares to the last 27 years.

The stoic performance of beef demand comes as retail sales in the food sector grew at the slowest pace since The Great Recession of 2008-2009. Grocery store sales in November were up 3.4 per cent from a year earlier, but for the year will probably be no better than up 1.5 per cent because of anemic growth in the first two months of the year and in June and July.

The story for food services and drinking place retail sales growth trends is even more alarming. November sales growth for this sector was only up 2.5 per cent from a year earlier, following 1.5 per cent growth in October. For 2017, food services and drinking place sales growth is on a path to be up only 2.3 per cent from last year, which compares with an 8 per cent gain in 2015 and a 6 per cent increase in 2016.

Total retail trade and food service sales across the entire economy were up 6.4 per cent from a year earlier in November, the best year-over-year gain for any month in 2017. That is not a statement that could be made for food sector retail sales. Consumer spending has been rock-solid during the past year relative to the forces that are usually assumed to drive consumer behavior.

Growth in wages and salaries, as well as disposable income was anemic in late 2016 but has gotten back on a positive track in 2017. This provides some encouragement for continued gains in consumer spending in the coming year, which could translate into favorable trends in retail sales.



Food sector sales as a per cent of total retail trade have been declining throughout this year, with the downtrend accelerating during the last quarter of the year. In light of this trend, the performance of beef demand was impressive.

### **CHINA superó a CANADA entre los destinos de las exportaciones de productos agropecuarios**

November 19, 2017 Tensions are rising when it comes to the future of trade. As leaders from Canada, Mexico and the United States are in the midst of round 5 of North American Free Trade Agreement (NAFTA) 2.0 negotiations, new numbers from U.S. Department of Agriculture (USDA) show China is now the top buyer of U.S. agricultural goods.

For the fiscal year 2017, China purchased \$22 billion of agricultural products from the U.S, which is a large jump from the \$19.2 billion bought in FY16. That also allowed China to secure the No. 1 spot.

The United States' NAFTA partners showed an increase in the value of goods purchased, coming in at No. 2 and 3. Shipments to Canada were valued at \$20.4 billion, which is a slight increase from the \$20.3 bought in 2016, but bumps Canada from the top buyer of goods. Mexico's shipments reached \$18.6 billion, a six-percent gain from last year.

In total, USDA says exports reached the third-highest on record, reaching \$140.5 billion, a jump of \$10.9 billion.

As farmers sit on a record corn crop and the protein sector continues to post impressive growth, economists say it's going to take bigger export demand to chew through the amount of product that's being produced.

"It is great to see an increase in exports and we hope to open additional markets to build on this success," said Agriculture Secretary Sonny Perdue. "I'm a grow-it-and-sell-it kind of guy. If American agricultural producers keep growing it, USDA will keep helping to sell it around the world."

Secretary Perdue says the agriculture sector posted an annual trade surplus of \$21.3 billion, an astonishing 30 percent spike from last year.

## **VARIOS**

### **RUSIA continúa aumentando sus importaciones de carne vacuna**

03/01/2018 - Brasil se consolida como el principal proveedor.

Rusia está marcando un aumento en las importaciones de carne vacuna, durante el periodo enero a octubre de 2017 compró 258.100 toneladas, un 7% más comparado con los mismos meses del año pasado, según informó la agencia EMEAT.

Durante este tiempo, Brasil, con un 59,4%, y Paraguay, con un 28,6%, han sido los mayores proveedores de carne vacuna congelada, mientras que Argentina (24,5%) y Serbia (22,8%) son los principales vendedores de carne vacuna fresca al mercado ruso.

El informe también destaca las importaciones rusas de este producto los países de la Unión Aduanera Euroasiática (Bielorrusia, Kazajistán, Armenia y otros).

En lo que refiere a producción y exportación, Rusia procesó 425.700 toneladas de carne vacuna, lo que representa un 0,8% más frente al año pasado. Y el 98,8% de sus exportaciones tuvieron como destino a Bielorrusia, país que también es el tercer exportador de carne a Rusia con un 13,4%. (En base a datos de Eurocarne).

## **EMPRESARIAS**

### **Frigol arrendó una planta en Mato Grosso**

4 de janeiro de 2018 Unidade de Juruena deve receber investimentos de R\$ 10 milhões e começar a operar em fevereiro

Ampliar foto Frigol arrenda frigorífico em Mato Grosso Expectativa é que sejam abatidas de 15 a 18 mil cabeças/mês na planta

Mais uma planta frigorífica será reaberta em Mato Grosso. O Frigol anunciou o arrendamento da unidade de Juruena, da família Durlí. O presidente do grupo, Luciano Pascom, e o diretor operacional, Orlando Negrão, se reuniram nesta quarta-feira, 3, com o governador em exercício do Estado, Carlos Fávaro. Inicialmente, a planta empregará 450 trabalhadores da região e receberá investimentos da ordem de R\$ 10 milhões.

Na reunião, o presidente do Frigol comentou que a expectativa é que a planta em Juruena comece a operar no dia 19 de fevereiro. Mato Grosso será o quarto Estado em que o grupo terá unidades. "Nós já tínhamos interesse em arrendar, estava em processo de conversação com a JBS no ano passado. A expectativa é que sejam abatidas de 15 a 18 mil cabeças por mês quando a planta estiver em operação",



comentou Pascom. O grupo também tem plantas em São Paulo (Lençóis Paulista), Pará (São Félix do Xingu e Água Azul do Norte) e Goiás (Cachoeira Alta).

O governador em exercício lembrou a crise que o setor pecuarista vivenciou em 2017, começando com a Operação Carne Fraca. Segundo ele, para ajudar o setor a atravessar as crises, como medida emergencial, o Governo do Estado alterou a alíquota da cobrança do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) para a transferência de gado em pé para outros Estados. A redução foi de 7% para 4%.

“Isso tudo fez com que o governo e o setor buscassem investimentos para Mato Grosso e todo esse trabalho fez com que oito plantas frigoríficas fossem reabertas em 2017. E agora a planta frigorífica de Juruena, que estava paralisada há mais de cinco anos, deverá ser reaberta em fevereiro. A nossa vocação é produzir comida, carne e verticalizar”, observou Fávoro.

O secretário de Desenvolvimento Econômico (Sedec), Carlos Avalone, entende que é possível melhorar os incentivos para a reabertura desses frigoríficos que estão fechados. “Após um período de 'monopólio', vários frigoríficos ficaram com linhas de produção defasadas e, portanto, necessitam de investimento na modernização do parque de máquinas para reabrir as plantas. Para isso, o governo lançou mão do Programa de Desenvolvimento Industrial e Comercial de Mato Grosso (Prodeic), por meio do qual as empresas terão até 10 anos para pagar parte do ICMS”.

O presidente do Sindicato Rural de Cuiabá, Jorge Pires, destacou a importância dessas reuniões para reabertura das plantas. “É ruim ficar totalmente dependente de um grupo. Empresas que têm tradição e que são pequenas e médias encontram em Mato Grosso um mercado potencial. Então estamos satisfeitos de trazê-los aqui no governo”.

### **McDonald's prueba carnes frescas en una nueva hamburguesa**

Associated Press January 3, 2018 McDonald's says it's using fresh beef in another burger, the latest test by the chain swap out frozen beef as it seeks to improve the image of its food. The company says the new burger, called Archburger, is being tested in seven McDonald's restaurants in Tulsa, Okla. (Keith Srakocic / AP)

McDonald's is testing the use of fresh beef in another burger, the latest move by the fast food chain to swap out frozen beef as it seeks to improve its image.

The company said Tuesday that the new burger, called Archburger, is being tested in seven McDonald's restaurants in Tulsa, Oklahoma. McDonald's held similar tests for fresh beef Quarter Pounders for about a year before announcing in March that it would roll it out to most of its 14,000 restaurants by the middle of this year. McDonald's said the latest test is limited, and it is seeking feedback from customers and its restaurants.

McDonald's Corp. has made several changes to its menu in recent years in an attempt to appeal to Americans who are increasingly concerned with the ingredients in their food. The world's largest burger chain, for example, has cut artificial preservatives from Chicken McNuggets and switched out the apple juice in its Happy Meals for one with less sugar.

Fresh beef is a big change for the Oak Brook, Illinois-based company, which has relied on frozen beef patties for more than 40 years.

The Archburger test could mean the company is open to expanding the use of fresh beef to even more menu items, analysts at Nomura said in a note to clients Tuesday. The analysts also said the rollout of fresh beef Quarter Pounders later this year could boost a key sales figure at the chain.

At less than 3 ounces, McDonald's said the fresh beef patties used in the Archburger are slightly smaller than those in the Quarter Pounder and larger than the ones in its hamburgers and cheeseburgers.